

*O uso do verbo *gustar* por aprendizes brasileiros de espanhol como LE*

*El uso del verbo *gustar* por aprendices brasileños de español como LE*

Luzia Schalkoski Dias¹

¹Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná; docente do Centro Universitário Uninter e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. luzia.schal@gmail.com

Ivete Morosov²

²Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná, docente do Centro Universitário Uninter e da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. imorosov@uol.com.br

RESUMO

Uma das queixas frequentes dos professores de espanhol como língua estrangeira para alunos brasileiros relaciona-se à dificuldade destes em compreender o funcionamento sintático do verbo *gustar*. Apesar de o item lexical *gustar* ser bastante transparente ao aprendiz brasileiro, que tem *gostar* como o equivalente português, há algumas questões a serem consideradas quando se trata do domínio da estrutura sintática desse verbo em espanhol. Assim, este estudo parte do seguinte questionamento: Por que muitos alunos brasileiros cursando nível pré-intermediário, ou até mesmo intermediário, ainda produzem formas como **nosotros gustamos de estudiar español*? Tendo em vista a proximidade tipológica entre a língua portuguesa e a língua espanhola, em um primeiro momento, discute-se em que medida a transparência léxica existente entre essas línguas ajuda ou atrapalha a aquisição do espanhol por aprendizes brasileiros. Por fim, analisa-se a diferença sintática entre construções do português como *Maria gosta do João* e sua equivalente espanhola *A María le gusta Juan*. Essas são as principais questões que nortearão nossas reflexões neste trabalho.

Palavras-chave: Ensino de espanhol. Verbo *gustar*. Transferência. Aprendizes brasileiros.

ABSTRACT

One of the frequent complaints of teachers of Spanish as a foreign language to Brazilian students relates to the difficulty in understanding these syntactic function of the verb *gustar*. Although the lexical item *gustar* be quite transparent to the Brazilian apprentice, who has like how the Portuguese equivalent, there are some issues to consider when it comes to the domain of syntactic structure of this verb in Spanish. Thus, this study is the following question: Why do many Brazilian students studying at pre-intermediate, intermediate or even still produce forms like **nosotros gustamos the studio español*? Given the typological proximity between the Portuguese and the Spanish language, at first, we discuss to what extent the existing lexical transparency between these languages helps or hinders the acquisition of Spanish by Brazilian learners. Finally, we analyze the difference between syntactic constructions of Portuguese as *Maria gosta do João* and its Spanish equivalent *A María le gusta Juan*. These are the main questions that will guide our reflections in this work.

Keywords: Teaching Spanish. Verb *gustar*. Transfer. Brazilian learners

RESUMEN

Una de las quejas frecuentes de los profesores de español como lengua extranjera en Brasil se refiere a la dificultad de los estudiantes brasileños en comprender el funcionamiento sintático del verbo *gustar*.

Aunque el ítem léxico *gustar* sea transparente al aprendiz brasileño, que tiene *gostar* como el equivalente portugués, surgen algunas dificultades cuando se trata del dominio de la estructura sintáctica de ese verbo en español. Así, este estudio parte del siguiente planteamiento: ¿Por qué los aprendices brasileños cursando el nivel pre intermedio, o incluso el intermedio, siguen produciendo formas como **nosotros gustamos de estudiar español*? Considerando la proximidad tipológica entre la lengua portuguesa y la lengua española, se discute, primeramente, en qué medida la transferencia léxica existente entre esas dos lenguas facilita o dificulta la adquisición del español por aprendices brasileños. En seguida, se analiza la diferencia sintáctica entre construcciones del portugués como *Maria gosta do João* y su equivalente española *A Maria le gusta Juan*. Esas son las principales cuestiones que guiarán nuestras reflexiones en este trabajo.

Palabras clave: Enseñanza de español. Verbo *gustar*. Transferencia. Aprendices brasileños.

INTRODUÇÃO

Considerando-se que uma das queixas frequentes dos professores de espanhol como língua estrangeira para alunos brasileiros relaciona-se à dificuldade destes em compreender o funcionamento sintático do verbo *gustar*, neste trabalho, partimos da hipótese de que tal dificuldade deve-se, pelo menos em parte, a uma inversão que tal verbo apresenta em sua estrutura sintática.

Embora toda classificação seja arbitrária e os critérios para realizar tal classificação muitas vezes se contraiem, vamos considerar o verbo *gustar* como um verbo psicológico ou de afeição psicológica. Isto quer dizer que algo ou alguém produz um efeito em nossa mente e nos agrada (ou não). Se analisarmos a carga semântica do verbo *gustar*, encontraremos em sua entrada léxica vários significados, porém o mais usado é o de “agradar”/“querer”. Aqui começam as dificuldades para os aprendizes de espanhol como língua estrangeira. Se sua língua materna é o português, o aprendiz poderá transferir a estrutura sintática do verbo “gostar”, para a estrutura sintática do verbo *gustar*.

Exemplos como os seguintes são comuns nos textos dos aprendizes de espanhol como língua estrangeira desde o nível inicial até o intermediário: **Yo me gusta x* (por *Me gusta x*), **Yo gusto de x* (por *Me gusta x*), **Me gusto de cantar* (por *Me gusta cantar*) e **María gusta de empanadas* (por *A María le gustan las empanadas*). Os dois verbos, *gustar* (espanhol) e “gostar” (português), compartilham o significado de “agradar”/“querer”, mas não selecionam sintaticamente os mesmos argumentos.

Assim, este trabalho se propõe a uma breve análise do verbo *gustar*, partindo do princípio que esse verbo cria várias dificuldades tanto para quem ensina como para quem aprende o espanhol como língua estrangeira. Por isso, vê-se a necessidade de se considerar a ordem da formação que constitui o verbo espanhol, o uso dos pronomes clíticos que o acompanham e a carga semântica própria.

Dessa forma, primeiramente abordaremos a questão da transparência e da transferência em línguas próximas. Em um segundo momento, analisaremos o funcionamento sintático e semântico do verbo *gustar*, de maneira a evidenciar possíveis motivos das dificuldades encontradas pelos aprendizes brasileiros.

Línguas próximas: transferência e transparência

É comum ouvirmos de falantes brasileiros que o espanhol e o português são muito parecidos. Há até quem diga – ou apenas pense – que o estudo formal do espanhol é dispensável. Afinal, para quem estudar uma língua que se consegue "entender" e até mesmo se comunicar com ela sem grandes problemas? Embora, conforme Kulikowski e González (1999), em muitos casos a semelhança entre o espanhol e o português seja apenas aparente, não se pode negar que são línguas “moderadamente” próximas. Assim, se de fato há casos de comunicação “bem sucedida”, também pode haver espaços que possibilitem a transferência entre ambas. Ainda que não seja nosso objetivo neste artigo fazer uma extensa revisão teórica envolvendo o fenômeno da transferência, não podemos deixar de contextualizar e conceituar minimamente tal termo.

Os primeiros estudos de transferência linguística surgiram no âmbito da psicologia behaviorista, para a qual a aquisição de uma língua é um processo de formação de hábitos. Nessa perspectiva, o erro é visto como o resultado da transferência de hábitos da L1¹ para a L2/LE², um mal que precisa ser combatido.

Com o advento da teoria gerativa de Chomsky, a qual passa a influenciar grandemente os estudos de aquisição de L1 e também de L2, vislumbram-se outras possibilidades de entendimento do fenômeno da transferência. Dessa forma, no final da

¹ L1 – Primeira língua ou língua materna.

² L2/LE – Segunda língua / Língua estrangeira.

década de 60 e começo de 70, abandona-se a ideia do aprendiz como produtor de uma linguagem marcada pela imperfeição, repleta de erros, passando-se a vê-lo como:

(...) um ser criativo que processa sua aprendizagem através de estágios de aquisição lógicos e sistemáticos. Assim, os erros produzidos ganham um novo *status*, uma vez que passam a ser analisados como um processo gradual de tentativa que permite ao aluno testar hipóteses, estabelecer aproximações do sistema usado por nativos e criar um sistema lingüístico legítimo (ORTÍZ ALVAREZ, 2002, p. 2).

Quanto a sua conceituação, seguindo Ortíz Alvarez, entenderemos o fenômeno da transferência como um processo que ocorre quando o aprendiz de uma L2 utiliza-se dos conhecimentos lingüísticos e das habilidades comunicativas da L1, ou de qualquer outra língua adquirida previamente, ao produzir e processar mensagens na L2.

A partir do exposto anteriormente, tem-se que o efeito de transferência que uma língua exerce sobre a outra, e vice versa, está relacionado ao grau de proximidade que existe entre ambas, o que pode favorecer ou dificultar a aprendizagem daqueles que as estudam como língua estrangeira. Quanto à aquisição de vocabulário, por exemplo, línguas próximas frequentemente compartilham vocabulário cognato e mesmo quando o vocabulário é diferente é possível que haja alguma forma léxica equivalente próxima. Nesse aspecto, a proximidade entre línguas pode ser uma vantagem para os aprendizes (SWAN,1997).

Se pensarmos na sintaxe do espanhol, por exemplo, encontraremos vários pontos comuns com o português, o que acaba por facilitar (ou dificultar) o processo de aquisição. Segundo Swan (1997, p. 164), quando a primeira e a segunda língua são muito próximas pode haver poucos erros resultantes da dificuldade intrínseca daquilo que está sendo aprendido. Sendo assim, quanto maior o número de itens lexicais e estruturas transferidas de uma língua a outra, maior será o alcance dos tipos de erros de interferência, os quais ocorrem quando os itens nas duas línguas são similares, mas não idênticos na forma e no uso. Com isso, parece-nos que a dificuldade do aluno brasileiro em empregar o verbo *gustar* de acordo com a estrutura sintática da língua espanhola, pelo menos nos níveis iniciais, se enquadra nesse cenário.

Apesar de haver outros verbos espanhóis que funcionam como *gustar* (*encantar, parecer, molestar, agradar, doler* etc.), nosso interesse pelo uso desse verbo deve-se ao

fato de que, além de pertencer a uma classe de verbos que fogem do padrão SVO (sujeito-verbo-objeto), apresenta características morfossintáticas distintas de seus equivalentes português, inglês e francês: *Me gusta X*; *Eu gosto de X*; *I like X* e *J'aime X*. A diferença fundamental está no fato de que no português, assim como no inglês e no francês, o sujeito gramatical, ou sujeito sintático, coincide com quem experimenta o evento expresso pelo verbo, o que não ocorre no espanhol. Veja-se que em português, inglês e francês a sintaxe tem o pronome pessoal sujeito de 1ª pessoa (*Eu*, *I*, *Je*, respectivamente) à esquerda do verbo, ao passo que o espanhol tem o pronome oblíquo *me* nesse lugar. Note-se, também, que os verbos *encantar*, *molestar*, *agradar*, *doler* etc, têm a mesma estrutura no espanhol e no português, o que acaba por favorecer uma transferência positiva entre as duas línguas³. Comparemos os verbos *incomodar* e *molestar*, no português e no espanhol:

(1) Tua indiferença me incomoda. / Me incomoda tua indiferença.

 suj⁴ pro-ci v pro-ci v suj

(2) Tu indiferencia me molesta. / Me molesta tu indiferencia.

 suj pro-ci v pro-ci v suj

Embora a diferença entre os itens lexicais “incomodar” e *molestar* possa, em um primeiro momento, trazer algum problema de compreensão ou de comunicação, observa-se que, sintaticamente, as estruturas (1) e (2) são idênticas, não oferecendo, assim, dificuldades de construção para o aluno brasileiro que estuda o espanhol ou vice-versa. Já não se pode dizer o mesmo em relação aos casos seguintes:

(3) Eu gosto do teu jeito de ser.

 suj v obj preposicionado

(4) Me gusta tu forma de ser.

³ O termo *transferência positiva* tem sido tradicionalmente atribuído à transferência que ocorre quando há paralelismo entre dois sistemas linguísticos, ou seja, em casos de pontos coincidentes entre a língua materna e a língua alvo. Veja-se, por exemplo, as seguintes construções no português e no espanhol: *tua atitude não me agrada => tu actitud no me agrada*. Nessa perspectiva, a coincidência entre as estruturas sintáticas (e semânticas) em ambas línguas seria um elemento facilitador da aquisição.

⁴ **suj** = sujeito; **v** = verbo; **pro-ci** = pronome de complemento indireto.

pro-ci v suj

Ao compararmos as construções (3) e (4) verificamos que há diferenças relativas à posição das funções sintáticas entre elas. São essas diferenças que nos dedicaremos a analisar mais detalhadamente na próxima seção.

O sujeito que confunde: nos bastidores sintático-semânticos do verbo *gustar*

Quando trazem alguma explicação sobre as construções sintáticas com verbos como *gustar*, os manuais didáticos espanhóis, de forma geral, após apresentarem alguns exemplos, explicitam a seguinte regra: o verbo concorda com o sujeito (cf. BRUNO e MENDOZA, 2002). Assim, se o sujeito está no singular, o verbo estará no singular, se o sujeito está no plural, o verbo também estará no plural. Milani (1999, p. 210) enfatiza ainda que se trata de sujeitos gramaticais. Mas será suficiente dizer que o verbo concorda com o sujeito se o sujeito é muitas vezes identificado pelas gramáticas tradicionais como a pessoa ou coisa que realiza a ação?⁵

A partir do conhecimento que o aluno brasileiro tem da estrutura do português (Eu gosto do teu jeito de ser), não seria difícil ele supor, inicialmente, que em *me gusta tu forma de ser* o sujeito seria *me* e o objeto *tu forma de ser*. Há ainda outro complicador para o aprendiz brasileiro: o fato de que construções com *gustar* admitem que a função de sujeito sintático seja ocupada por um verbo no infinitivo. Vejamos como Matte Bon expõe essa questão:

Con verbos y expresiones como **me gusta**, **me apetece**, **me encanta**, etc. en los que en realidad se trata de situar / localizar un proceso espontáneo en un sujeto, el infinitivo es el sujeto gramatical aparente de la expresión **me gusta**, **me apetece**, **me encanta**, etc., pero se refiere (se aplica) al sujeto en el que el enunciador sitúa el proceso, que es su verdadero sujeto; ... (MATTE BON, 2000, p. 78) [negritos do autor].

⁵ Como indica Torrego (2000, p. 264), essa noção de sujeito - que aponta para um sujeito lógico - não é adequada, uma vez que: (a) não haveria sujeito nas sentenças em que o verbo não fosse de ação como *ser*, *estar*, *parecer* ou *gustar*; (b) com muitos verbos, e também nas estruturas passivas, o sujeito não é a pessoa ou coisa que realiza a ação do verbo, é, antes, a pessoa que sofre a ação como em *Pedro murió de accidente* ou ainda *Un ladrón fue detenido por la policía*.

Na sequência, o autor propõe que na construção *me gusta nadar*, o verbo infinitivo *nadar* é o sujeito gramatical aparente de *gusta*, “aunque en realidad el que **nada** es el sujeto real **yo**, y lo que le gusta es la relación **yo – nadar**”. Embora o autor procure fazer a distinção entre sujeito gramatical e sujeito real ao tratar do infinitivo, parece-nos que sua explicação, ao invés de ajudar, poderia confundir ainda mais aqueles aprendizes, ou até mesmo professores de língua espanhola, que buscassem um esclarecimento quanto às características sintático-semânticas envolvidas no funcionamento de *gustar*. Diante disso, nos propomos a explorar algumas possibilidades de aproximação sintático-semântica de tal verbo. Antes, porém, faremos uma breve exposição sobre o modelo gerativo e a teoria dos papéis temáticos, nos quais apoiaremos nossa análise.

O modelo gerativo – o léxico mental e a estrutura argumental dos predicados

A teoria dos papéis temáticos insere-se no quadro teórico do modelo gerativo de Chomsky, o qual concebe a gramática como um sistema internalizado de Princípios e Parâmetros que determina as possibilidades de formação de sentenças em uma língua. O léxico desempenha um papel fundamental nesse modelo, pois, como sabemos, o domínio das regras de formação da sentença não é suficiente para falarmos uma língua, é preciso também dominar o conjunto de palavras – o léxico – que constitui o dicionário de tal língua. Dessa forma, como aponta Miotto (2003, p. 84), “as palavras da língua têm propriedades tais que o aparecimento de um certo item lexical já nos faz esperar um outro item ou grupo de itens”.

A abordagem gerativa supõe que o nosso léxico mental traz informação categorial sobre as palavras que contém. Por exemplo, é essa informação categorial que nos permite distinguir um nome [N] de um verbo [V] ou de um adjetivo. Além disso, para construirmos uma sentença devemos saber que os núcleos lexicais – que são chamados de *predicados* – selecionam outros itens – os *argumentos* – para comporem a sentença. Daí dizer-se que os predicados têm estrutura argumental, ou seja, os predicados⁶

⁶ Observe-se que o termo predicado, embora frequentemente seja atribuído aos verbos (predicado verbal), não se limita a estes, uma vez que há também sintagmas não-verbais que podem funcionar como predicados.

possuem lacunas a serem preenchidas pelos argumentos. Para entendermos como isso funciona na prática, comecemos com o seguinte exemplo:

(5) O João encontrou a Maria.

Conforme aponta Miotto (op. cit.), o verbo “encontrar” estabelece uma relação de encontro entre os sintagmas determinantes “o João” e “a Maria”. Assim, esses dois sintagmas são os argumentos do predicado “encontrar”. Tem-se, então, que “encontrar” é um tipo de predicado de dois lugares. Desse modo, para que sentenças construídas com esse tipo de predicado sejam gramaticais é preciso que tenham dois argumentos. Ao contrário, formas como “o João encontrou” ou “encontrou a Maria” vão ser agramaticais. Porém, há também predicados de um lugar, como é o caso do verbo “morrer” (João morreu), ou ainda predicados de três lugares como o verbo “dar” (João deu o livro para Maria).

Agora voltemos nosso olhar para o verbo *gustar* pensando em termos argumentais. De que tipo de predicado estaríamos falando? Tanto no português como no espanhol, assim como em outras línguas que não vêm ao caso, trata-se de um predicado de dois argumentos ou dois lugares, porém o que vai mudar é a categoria sintática dos argumentos selecionados: [João] gosta [da Maria] / [A Juan le] gusta [María]. Mais adiante retomaremos essa questão. No momento, parece-nos apropriado a colocação de Miotto (op. cit., p. 88) de que a seleção categorial de um argumento pode variar de uma língua para outra, embora a seleção semântica se mantenha estável. Em outras palavras, apesar das seleções sintáticas – que se dão na estrutura superficial – das sentenças acima ocorrerem de forma diferente nas duas línguas, a seleção semântica – a qual se dá na estrutura profunda e está no nível da significação – permanece idêntica em tais línguas.

Tendo em mente o exposto até aqui, na sequência passamos à análise de algumas sentenças construídas com verbos psicológicos, como é o caso do verbo *gustar*.

Verbos psicológicos e os papéis temáticos

Os verbos psicológicos ou de sensação são uma categoria de verbos que denotam estados emocionais como, *temer*, *gustar* e *molestar* e que implicam dois argumentos em sua grade temática: um *experienciador*, que denota o indivíduo ou entidade (sujeito semântico) que experimenta o estado mental, e um *tema* (sujeito sintático), que denota o que, de forma não intencional, suscita e dá conteúdo ao estado mental (BELLETTI e RIZZI, 1988, p. 291 *apud* VROON, 2006, p. 06).⁷

Na perspectiva da teoria dos papéis temáticos, o experienciador e o tema são os dois papéis atribuídos ao verbo *gustar*. Para um maior entendimento desses conceitos, vejamos os seguintes exemplos adaptados de Vroon (2006):

(6) Juan teme el terrorismo.

(7) La música le gusta a Juan / A Juan le gusta la música.

Analisando (6) e (7) pode-se observar uma inversão nas funções dos papéis temáticos dos argumentos. Assim, em (6) o experienciador *Juan* ocupa o papel de sujeito (sintático e semântico); já em (7) o experienciador (sujeito semântico) está na posição de objeto indireto (*a Juan / le*). Temos ainda que em (6) o tema *el terrorismo* é o objeto, já em (7) o tema *la música* está no lugar do sujeito sintático. Seguindo esse enfoque, é possível diferenciar duas categorias de verbos psicológicos: (a) dos verbos com sujeito-experienciador, como em (6), que são denominados verbos psicológicos do tipo *SujExp* e (b) os verbos com objeto-experienciador, como em (7), denominados verbos psicológicos do tipo *ObjExp* (VROON, 2006).

A partir do exposto acima, observa-se que a realização sintática de alguns verbos psicológicos em espanhol é especialmente complexa. Dessa forma, em sentenças como *María ama a Juan*, o sujeito *María* é o experienciador e o objeto *Juan* é o tema, enquanto que em *A María le gusta Juan*, o sujeito *Juan* é o tema e o objeto indireto *a María / le* é o experienciador. Comparemos agora os seguintes exemplos em português e espanhol:

⁷ Normalmente fala-se em agente e paciente, porém esses termos não são adequados quando se trata de verbos psicológicos, pois “o agente é o papel semântico desempenhado pela entidade que provoca a ação denotada pelo verbo” e o paciente é o papel semântico que expressa a entidade que sofre a ação (PERINI, 2001, p. 261). Em decorrência, tem-se que os termos agente e paciente só poderão ser empregados se a sentença exprimir uma ação, o que não é o caso dos verbos psicológicos.

(8) Maria gosta do João.

experienciador _ v _ tema (papéis temáticos)

sujeito _ v _ objeto preposicionado (funções sintáticas)

(9) A María le gusta Juan.

experienciador _ v _ tema (papéis temáticos)

objeto indireto _ v _ sujeito (funções sintáticas)

O verbo “gostar”, em português, é classificado como transitivo indireto porque exige a preposição “de” (gostar de), ao passo que *gustar* é transitivo sem preposição. Com isso, a ausência da preposição em espanhol vai exigir uma reformulação sintática na sentença para manter a estrutura semântica.

Diante do exposto, pode-se dizer que o verbo *gustar* se aproxima da categoria dos verbos ditos ergativos. O exemplo de língua ergativa amplamente difundido entre os pesquisadores é o Dyirbal, língua aborígine da Austrália. As línguas ergativas são as que têm, em sua estrutura, o sujeito sintático na posição do tema e o sujeito semântico na posição do experienciador. Vejamos o seguinte exemplo de ergatividade adaptado de Santos (2004, p. 103):

(10) A mãe o pai gusta (real: o pai gosta da mãe)
 sujeito obj. v
 tema experienciador

O traço ergativo no espanhol se dá com o verbo *gustar* em (9) da seguinte maneira: tem-se o sujeito *Juan* como tema e o *le* (*a María*) como experienciador.

Como vimos no início deste estudo, em línguas como o português, o inglês e o francês, o padrão presente em (9) não é usual, indo, de certa forma, na contra-mão da hierarquia mais comum de realização sintática, em que o papel temático que tem mais destaque – o agente ou, no caso de verbos como *gustar*, o experienciador – tende a ocupar o lugar de sujeito da oração. Isto explicaria a tendência de estudantes de espanhol como língua estrangeira a considerar *A María / le* como sujeito da oração.

Considerações finais

Como vimos anteriormente, as construções com o verbo “gostar” do português possuem a mesma representação semântica apresentada pelas construções com o *gustar* espanhol. Entretanto, superficialmente, ou sintaticamente, as funções dos argumentos não coincidem no português e no espanhol, e aqui parece estar o grande nó que retardaria o domínio desse tipo de verbo por alunos brasileiros que estudam o espanhol como L2. Ao longo deste trabalho buscamos construir as condições teóricas que nos permitissem esboçar algumas explicações para a dificuldade de aquisição da estrutura sintática de *gustar* pelo aprendiz brasileiro. Primeiramente, tratamos de explicitar em que consistem as diferenças sintáticas entre a forma portuguesa e a espanhola. Apoiando-nos na teoria dos papéis temáticos, evidenciamos a coincidência dos papéis semânticos nas duas formas. A partir desse quadro, parece-nos possível supor que – como a estrutura profunda, ou semântica, das construções nas duas línguas coincide – o aprendiz estaria transferindo a estrutura semântica do português [experenciador _ gostar _ tema] para a representação superficial do espanhol. Isto explicaria a produção de formas agramaticais como **nosotros gustamos de estudiar español*.

REFERÊNCIAS

BRUNO, Fátima C.; Mendoza, Maria Angélica. **Hacia el español - curso de lengua y cultura hispánica - nivel básico**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

KULIKOWSKI, Zulma; GONZÁLEZ, Neide T. M. El español para brasileños: sobre por dónde determinar la justa medida de una cercanía. In: **Anuario brasileño de estudios hispánicos**, 9. São Paulo, 1999. p. 11-19.

MATTE BON, Francisco. **Gramática comunicativa del español – de la lengua a la Idea**. Tomo 1. 1ª ed. rev. – Madrid: Edelsa, 2000.

MILANI, Esther Maria. **Gramática de espanhol para brasileiros**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina F. & LOPES, Ruth E. V. **Manual de sintaxe**. 2ª ed. rev. – Florianópolis: Insular, 2000.

ORTÍZ ALVAREZ, Maria Luisa. A transferência, a interferência e a interlíngua no ensino de línguas próximas. In: **CONGRESO BRASILENO DE HISPANISTAS**, 2. San Pablo, 2002.

Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000012002000100039&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 23 ago. 2013.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

SANTOS, Sebastião L. dos. **Revisitando o clítico <se> em espanhol**: uma proposta de análise das construções passivas, impessoais e reflexivas. Curitiba, 2004. Dissertação de Mestrado em Estudos Lingüísticos – UFPR.

TORREGO, L. G. **Gramática didáctica del español**. 7ª ed. Madrid: SM, 2000.

SWAM, Michael. The influence of the mother tongue on second language vocabulary acquisition. In: SCHMITT, N & MCCARTHY, M. **Vocabulary: description, acquisition and pedagogy**. Cambridge: CUP, 1997.

VROON, Suzanne. **¿Le está gustando la música o le molesta el ruido?** Universidad de Utrecht. 2006. Tesis de licenciatura. Disponível em: <<http://igitur-archive.library.uu.nl/student-theses/2006-0324-83601/vroon%20doctoraalscriptie%20210206.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2013.